

1

Introdução

O estilo *ad libitum* do relato vem muito dessa disponibilidade de discorrer-sobre e à-margem, e também das escritas paralelas que se recuperam, sobrepondo-se; mas acima de tudo deriva de uma escolha de posição do narrador, ou seja, do “distanciamento interessado” em que ele se coloca perante o caos apaixonado que o cerca.¹

José Cardoso Pires

A palavra² sempre exerceu sobre nós imenso fascínio, em função da sua capacidade de deambular entre “ser” ou “vir a ser” e de engendrar as mais diversas visões de mundo. Por isso, provoca-nos o desejo de sobre ela nos debruçarmos a fim de desvendar a artimanha do discurso literário, espaço da leitura e da tessitura de um texto que parte de enredos tramados sob o signo de Ariadne.

Nesta pesquisa, propomos uma análise da fábula **Dinossauro Excelentíssimo**, de José Cardoso Pires, publicada em 1972³. A investigação dessa narrativa é motivada pelo caráter alegórico relativo às concepções de ditadura e de ditador que dela emergem, pelo modo como o autor reescreve o gênero fábula, e, sobretudo, pelas reflexões que faz acerca dos mecanismos que organizam o poder e pela atuação do escritor como intérprete de questões culturais, políticas e sociais.

Na narrativa de Cardoso Pires, a palavra se converte em signo ambivalente, isto é, aos significados preexistentes se entrelaçam novos sentidos. É por meio desse jogo que se percebe, não só em relação à palavra, mas à própria

¹ PIRES, José Cardoso. Visita à oficina: o texto e o pré-texto I: memória descritiva. In: _____. **E agora, José?** Lisboa: Dom Quixote, 1999, p. 141.

² Considerar palavra como meio pelo qual “concretizamos” e configuramos as idéias que fazemos do mundo, “narrativa ou ficção” sobre o mundo e a vida.

³ Segundo o autor, esta fábula foi escrita em Londres, em 1969, e dada como presente de Natal às filhas Rita e Ana. Embora diga que a fábula esteja ligada ao fato de que a “estória se passa no tempo em que os animais falavam e os homens sufocavam”, sabemos que Cardoso Pires pretende contar duas histórias, isto é, ao narrar a estória de um dinossauro, concomitantemente denuncia, como testemunha, o regime totalitário do Estado Novo português.

estrutura fabular, o resgate das memórias do cotidiano da ditadura salazarista, indo além dos fatos registrados pelo discurso historiográfico, assunto que o referido escritor e intelectual interpreta em **Dinossauro Excelentíssimo**, fábula sobre a vida de um ditador ansioso por “purificar as palavras”⁴, como veremos em nossa análise.

A fábula foi publicada durante a ditadura portuguesa de Salazar, época em que a censura, sob as ordens de órgãos competentes, retirava de circulação qualquer discurso que pudesse “perturbar a segurança pública”. Houve, nesse período, um conjunto de condições que propiciaram aos escritores portugueses o exercício de uma escrita ambivalente, construída nas entrelinhas como “metáforas apropriadas”⁵. Para analisar esse texto, tomaremos o tema insubmissão⁶ como eixo norteador de nossa pesquisa, investigando como o escritor-intelectual fez de sua “fala” um pronunciamento literário contestador. A partir desse eixo, procuraremos formular algumas hipóteses que tencionamos examinar – contudo, sem o propósito de esgotá-las.

Portanto, consideramos a censura e a insubmissão como temas-pretexto de nossa análise porque acreditamos que o autor, através de sua fábula **Dinossauro Excelentíssimo**, analisa as questões que emergem do contexto ditatorial e, além disso, esmiúça a teia de “verdades” que tão habilmente o Estado Novo português havia tecido. Nesse sentido, a literatura pode ser entendida “como um pronunciamento, um ato de intervenção e interpelação face à realidade social e política”⁷, produzido pelo escritor-intelectual.

Deste modo, centralizaremos nosso estudo na configuração que Cardoso Pires fez de tal contexto, na leitura desse momento histórico e também na interpretação das estratégias com as quais o autor interroga e denuncia o discurso do poder de “censura”, ou seja, buscaremos evidenciar de que maneira seu texto

⁴ PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**. Lisboa: Dom Quixote, 1999, p. 174-195.

⁵ RODRIGUES, Graça Almeida. **Breve história da censura literária em Portugal**. 1. ed. Lisboa: Bertrand, 1980, p. 75-76. Biblioteca Breve, V. 54.

⁶ A concepção de resistência se justifica porque acreditamos que um dos papéis do intelectual é, conforme Foucault, o de “destruidor de evidências e das universalidades” (FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2004, p. 242), portanto acreditamos que José Cardoso Pires desempenha esta função na cultura portuguesa. A resistência tem essa função de estilhaçar as verdades “universais”, que são saberes cristalizados.

⁷ MARGATO, Izabel. O intelectual em tempos difíceis. In: _____; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.). **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: Ed. UFGM, 2004, p. 154.

literário se torna um entrelugar, onde pode construir outra versão para o discurso oficial ou dominante.

A fim de organizar o desenvolvimento dessa análise, propomos uma divisão do tema em três capítulos: além da presente Introdução e da indispensável Conclusão, “A poética”, “O olhar” e “O poder”.

No capítulo “A poética”, analisaremos algumas concepções elaboradas pelo autor acerca do discurso literário, capítulo organizado para compreender os parâmetros que o conduziram à reescritura da fábula, porque, considerando o texto em análise, percebemos que a escolha foi feita de modo intencional, rompendo as fronteiras entre os discursos histórico e ficcional. Além disso, examinaremos detalhadamente a fábula como estratégia narrativa utilizada desde a Antiguidade, apresentando precisamente as características atribuídas por Fedro ao gênero como um texto que “diz sem revelar”, isto é, como texto exemplar carregado de intenções políticas.

Considerando a fábula como um texto ambivalente e simultaneamente de caráter político e pedagógico que vai revelar e questionar a época do Estado Novo português, entendemos que o narrador reescreve uma versão da “verdade” com o intuito de mostrar uma verdade oculta, construída no fio da navalha da censura.

No capítulo “O olhar”, procuraremos demonstrar como Cardoso Pires se apropria do discurso historiográfico oficial, mas sem o propósito de escrever um romance histórico, para relatar de acordo com uma nova perspectiva, tornando-o ficção e reescrevendo a história de um ditador – no caso, o Imperador do Reino dos Mexilhões. Segundo Abdala Junior, “no jogo de ficção [...] de Cardoso Pires, o projétil da estória que atinge a personagem ricocheteia. Atinge também a história que lhe serve de referência.”⁸ Observamos também as possíveis intertextualidades entre os fatos e a sua reescrita fictícia na fábula **Dinossauro Excelentíssimo**.

Importa verificarmos os modos com os quais o escritor-intelectual “olha” o contexto da ditadura, salientando a importância do intelectual nesse contexto, cuja função é ler, interpretar e denunciar o discurso do poder ditatorial.

⁸ABDALA JUNIOR, Benjamin. Os cravos de abril e os encontros da história. **Revista Novos Rumos**. São Paulo: Instituto Astrojildo Pereira, ano 16, n. 34, p. 48-49, 2001.

No capítulo “O poder”, analisaremos as reflexões que o narrador faz sobre poder, censura e ditadura, visando compreender as articulações e as formas como é tecido, propagado e destruído o discurso do poder, e também as verdades fictícias produzidas por esse discurso. Além disso, examinaremos a imagem metafórica do olho do poder, sistematizado numa “câmara de torturar palavras”.

As questões propostas serão analisadas no decorrer deste estudo, durante o exercício de escrita e de leitura, além de outros olhares convergentes para o assunto central aqui discutido: a insubmissão aliada ao papel do intelectual. Consideraremos os temas história, poder, censura, depuração lingüística e atuação do intelectual desenvolvidos e pesquisados em textos teóricos e literários, a fim de revelar um novo olhar sobre a fábula de Cardoso Pires e sobre a teia discursiva da cultura portuguesa num período marcado pelo seqüestro da palavra do outro. O escritor, para atingir esse objetivo, compõe a imagem metafórica da tortura das palavras, demonstrando como o Dinossauro as manipula, a fim de remover os significados das palavras “proibidas” que se acumularam ao longo da história, e também produzir significantes cujos significados que se cristalizem, conforme sua vontade.

Isso se justifica porque o autor tece uma fábula cuja função é a de denunciar e inverter sua moral, confabulando em tom quase didático com a própria história, pois vai aos poucos narrando a “história” da formação de um ditador e de uma engrenagem de “poder” que é capaz de calar e mover toda a sociedade.

Iniciamos nossa caminhada de descobertas, vogando por “mares nunca de antes navegados”⁹, buscando demonstrar como o Imperador, na tentativa de apagar o discurso do outro, colocou em circulação “palavras de puro sangue latim e grego”¹⁰, com as quais submeteu o Reino do Mexilhão ao silêncio. Mas precisamos de uma senha ou de uma chave adequada para que entremos na “história”. Qual é a senha? **Ordem? Destino? Mortos? Herói? Fidelidade?** Cinco senhas para sete chaves. Qual a senha?

⁹CAMÕES, Luis de. **Os Lusíadas**. Org. Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Ed., [s.d.], cant. I, 1, p. 53.

¹⁰PIRES, José Cardoso. **Dinossauro Excelentíssimo**, *cit.*, p. 51.

Num reino onde se fala por códigos, gestos e olhares, onde a palavra escrita é devorada, o vocábulo **discurso** poderia ser uma palavra-senha? Talvez. Atentemos: discurso–fala–**poética**, estamos a jogar o “jogo do olho vivo”?¹¹ Mas faltam duas senhas. **Olhar?** Vejamos: **olhar**–análise–interpretação. E quanto à outra senha, vamos tentar uma das que nos foi dada por Cardoso Pires: poder–censura–**ordem**. Começamos o jogo: **poética**–**fábula**, **olhar**–**intelectual**, **poder**–**censura**.

¹¹Durante uma conversa com o Padre-Novo, o Narrador de *O Delfim* se refere ao “Jogo do Olho Vivo, que nasceu dos acasos de um serão e que é um exercício local, [...]”. “Caça é de caras”, responde ele. “caça-tiros... tiros-revolução... revolução-subversiva. Está a ver? Com três associações resolvi a questão.” [...]. “Só aos portugueses atentos é concedido o privilégio de jogar ao *Olho Vivo*.”. In: PIRES, José Cardoso. **O Delfim**. Lisboa: Dom Quixote.1998, p. 168.